

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Barroso, João Tiago Blasques de Oliveira, 1992-
Chaves, Mário João Alves, 1965-
Gama, Pedro Miguel Brites Ferreira, 1970-
Seabra, Gonçalo

Intento flexiexistencialista

<http://hdl.handle.net/11067/6471>

<https://doi.org/10.34628/teg7-4w40>

Metadados

| | |
|---------------------------|----------|
| Data de Publicação | 2022 |
| Tipo | bookPart |

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T10:29:02Z com
informação proveniente do Repositório

INTENTO FLEXIEXISTENCIALISTA

**João Barroso
Mário Chaves
Pedro Gama
Gonçalo Seabra**

DOI: <https://doi.org/10.34628/teg7-4w40>



afirmações flexiexistencialistas

entre a espuma dos dias e a expansão do Universo,
passa o tempo, súbito
o que nos entregamos neste intervalo de vida
em que vivemos entre distintos intervalos de valor
de segurança versus liberdade.

qual foi o propósito da pandemia?

entre percebermos que a nossa humanidade é sobretudo animal e por tal a natureza veio dizer, que aqui no planeta, é ela que decide; ao boost necessário do milénio para avançarmos para um novo nível baseado na digitalização, na virtualização, na vontade de restringir os elementos materiais a um mínimo e a esse nível a absoluta identidade da riqueza no dinheiro virtual, no qual a bitcoin é o exemplo máximo da possível especulação sobre o grão de sal.

A chegada a Marte fisicamente, a construção de estações orbitais civis destinadas ao lazer conduzem-nos no imediato a um estádio de saída desta maternidade que nos fez evoluir para a colonização do Cosmos.

A pandemia, pequena, mas uma pandemia, veio incrementar a capacidade de se viver só, sozinho, no conforto de uma máquina próxima que responde, se alimenta dos nossos desejos e responde continuamente, proporcionando a sensação de universalidade e de domínio na palma da mão.

A pandemia, no atual estádio de sociedade, foi o mote impulsor, de clivagem e mudança de paradigma para um novo patamar de independência, face a esta experiência que constituímos na longa

cadeia de evolução, extintos que foram os dinossauros, os principais adversários e o maior erro de design na evolução da vida a partir dos aminoácidos primordiais.

A arca de Noé foi a máquina anterior de filtragem e seleção artificial; como será a próxima máquina que nos transportará para o Cosmos, o próximo grande destino.

Neste sentido todo vosso contributo sobre o tema de todo um Pós Pós, porque o passado já o é;

Partilhamos imagens que tenham sido referenciais para com o entendimento do propósito, a arte como redenção.



Giorgione, nas Três Idades do Homem, estabelece a corporação de na Aprendizagem jovem na Beleza, no Conhecimento adulto da Força, na Sabedoria madura da idade.

Toda a trágica consciência da existência em três tempos.



Caspar David Friedrich, no *Viajante sobre o Mar e a Névoa*, evoca o direito divino do Homem sobre o Mundo, o triunfo da Civilização sobre a natureza, a imunidade do homem face à estranheza do diverso, conduzindo a um divórcio, cada vez mais acentuado.

Não é um direito natural.

O homem vive obcecado pelo seu progresso e tende a não distinguir as virtudes dos vícios.



Lorenzo Bernini, no seu Salvatore, criado aos seus 80 anos e a sua derradeira obra, é redentora no seu esplendor formal; mostra o grande personagem no Milénio; em seu nome e pelo seu nome, está construída a civilização Ocidental; no que somos, como pensamos, como agimos.

O novo Milênio começou em 2020, qual será o nome que se projeta em 3000?



Mark Rothko, em Terracota and Green, como em todos os outros 168 quadros, evocou, a serenidade e grandeza da abstração para lá da beleza da Natureza, desnecessária já para a sua reprodução, porque a técnica de tal é capaz e competente.



A estátua colossal de Constantino no Páteo dos Conservadores, em Roma, está há 2000 anos a lembrar que a grandeza, seja qual for o tamanho do propósito, pode ter um desfecho inesperado, e que o passado não é a legitimação do futuro. Também o Império Romano o deixou de ser, mas é sempre uma sombra.

MÁRIO CHAVES



Deus existe? Se não houver Deus, qual o propósito do Homem?

Esta questão foi-me colocada, um destes dias, pelo meu neto Afonso, de 13 anos.

Se de Deus não se comprova a sua existência ou inexistência, do nosso propósito tudo e nada há a dizer: Nada mais haverá a dizer se o propósito do Homem é Deus! Tudo haverá a dizer na falta de Deus.

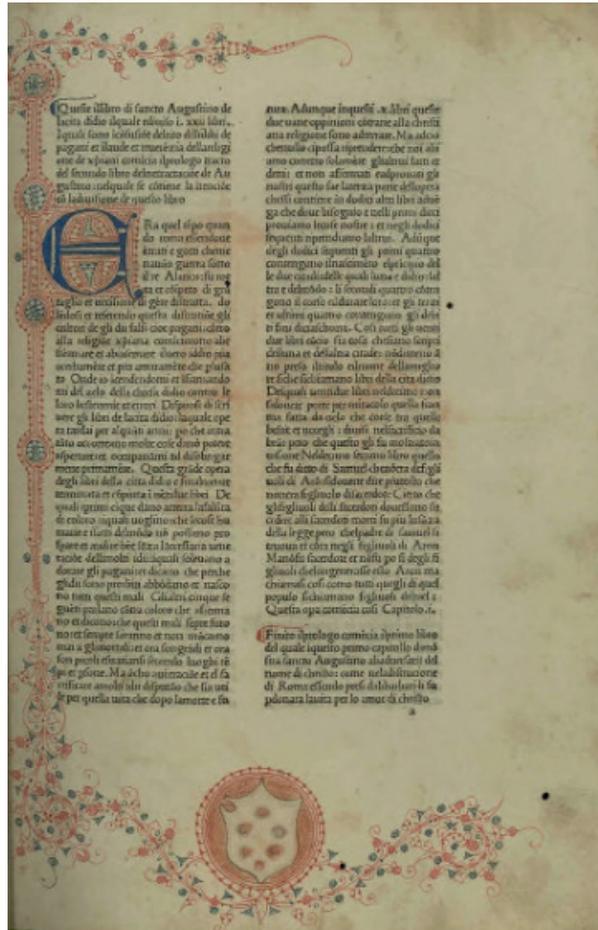
Sabemos apenas que contra todas as probabilidades; Somos! Para isso bastará “escolher” se os 15 biliões de anos (se for esse o tempo do Universo ou deste Universo), produziram um “acaso consciente” ou, quem sabe, se essa consciência estava predestinada – como acreditam alguns Homens de Fé.

Mas o que estaria ou não predestinado?

A existência do Homem enquanto espécie ou o nosso percurso/conduta enquanto Homens?



A este respeito, invoco primeiro Pelágio da Bretanha ou *Pelagius*, 350-423 dC, como um dos “pai” desse conceito que nos oferece a possibilidade de sermos entidades singulares, o direito à escolha de um percurso que é sempre único: o Livre-arbítrio. Que, contudo, é apenas uma probabilidade.



Mas como apelar a Pelágio sem invocar Agostinho de Hipona, 354-430 dC, seu opositor, por defender uma certa predestinação? Por certo, não será com agrado que o homem moderno se olhará ao espelho tentando descortinar as linhas que o prendem ao criador, qual marioneta de um qualquer conto.

É, no entanto, Agostinho, com a sua obra *De Civitas Dei*, que revisitada nos dias de hoje nos ajuda a perceber, não o fim da História (ou dos tempos, se quisermos) mas a forma espiralada da História: os Impérios nascem, vingam e morrem; os conceitos nascem, vingam e morrem; tudo o que nasce, morre e tudo isto num ciclo que se repete incessantemente, por camadas, independentemente das causas que lhe estão subjacentes.

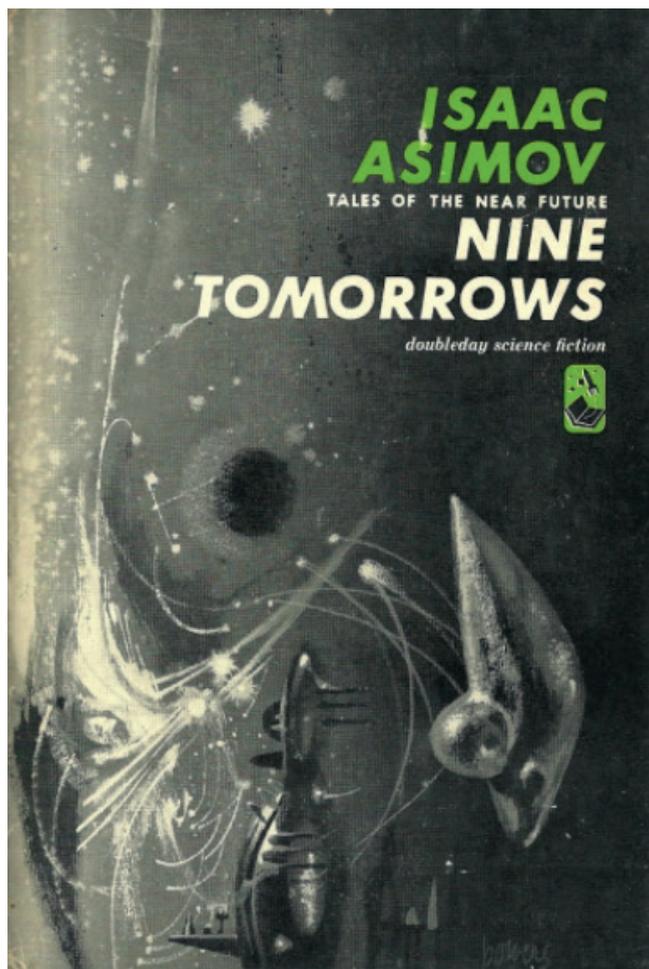


Neste sentido toda a verdade é hipotética, porque também ela deixará de o ser quando outras verdades surgirem. E para o demonstrar bastará uma reflexão a respeito das tantas verdades absolutas que a ciência tem sido profícua em formular ao longo da história, assim como as que se continuam a afirmar: o positivismo bacoco (ainda) não morreu! e o atual cenário de pandemia está aí para nos provar que, apesar do maravilhoso método científico que nos foi legado pelos homens do séc XV – dedução/teste/erro/correção, continua a dar lugar a políticas fundadas em certezas desprovidas do humilde desconhecido: o que não é mensurável e o que desconhecemos desconhecer.



Restam-nos então dois caminhos:

Tal como os Maneiristas (Andrea Palladio 1508-1580, Sebastiano Serlio 1475-1554, ou Michelangelo 1475-1564), subverter as verdades instituídas, aplicando novas gramáticas às verdades tidas como certas, abrindo novos caminhos e novas perspectivas, que comportem um sentido ético e estético capaz de “habitar” um tempo e uma sociedade global: plural no que do Outro se pode recolher e singular no que ao Outro se pode dar.



Tal como Isaac Asimov [1920-1992], projetar o futuro para lá do amanhã; antever, tendo por suporte aquilo que gostaríamos de mais que o que somos; casúlos das boas e más memórias.

Ter a coragem de assumir e transportar a nossa génese para um futuro próximo, sabendo de antemão que a parametrização se aplica às massas, não ao singular e que só as massas produzem inflexões, o mero indivíduo não.

E com isto, espero que o Afonso tenha ficado elucidado.

PEDRO GAMA



Eu creio em Deus; Deus é um termo latino, que de início descrevia todas as deidades e que com o tempo passou a ser usado para descrever o conceito de Deus como substantivo próprio. Deus é o conceito de Ser Supremo, geralmente definido como o espírito infinito e éter, criador e preservador do Universo. Um dos nossos livros sagrados, em Génesis 1:1 e Apocalipse 4:11, refere que não é simplesmente uma simples força que não podemos entender; mas uma grandeza que nos corpora.

A primeira visão de Deus, é a criação do entendimento de Deus ao nosso e pelo nosso entendimento. Há uma predisposição natural, para que o homo sapiens, isto é o homem sábio, entenda a naturalidade e inevitabilidade de um Deus criador, e na sua vontade, houve a origem e no argumento do primeiro motor imóvel, termo Aristotélico, o mo-

vimento do Universo começou após um estado imutável, e segundo são Tomás de Aquino, de um Nada não pode nem advém o Ser. Assim, a distinção contra o Nada Absoluto, é a vontade do grande Arquiteto do Universo, ou do Grande Programador do Universo, uma vez que a inteligência ordenadora, tem permitido na relatividade do tempo, a sequencialidade à demonstração do capacitação da criação.

Acontece é que a existência do Grande Arquiteto é necessária à narrativa do universo, entre a qual a existência contemporânea triunfante do Homo Sapiens, neste tempo, espaço e dimensão, para que na sua condição de ADN, se permita ser o que é; e não é a existência do Mal no Mundo, moldado pela Moral, ou na (in)definição do que é o Bem ou o Mal, ou a indiferença, que assumem alguma preponderância na assunção de um criador. Somos o que somos, previsto na longa cadeia de ADN, na longa evolução prevista narrativa, que incorpora pó das estrelas, das nebulosas primevas, derivadas da flutuação quântica da expansão inicial, sequente à origem pela vontade. Não somos por definição nem bons nem maus, antes integrantes de todo espectro que a nossa capacitação nos permite. A história da humanidade é a nossa história.

O Universo físico tem três grandes dimensões distintas; a atômica, que compreende das partículas subatômicas às moléculas, a humana, que compreende dos vírus e bactérias à dimensão do sistema solar, e a cósmica, que compreende a dimensão da grandeza sideral das galáxias. Por estas 3 dimensões, unidas inexoravelmente pela energia pulsante presente na temperatura universal, vamos tentando o nosso entendimento sobre a condição da trágica consciência da existência, quase sempre toldado por um quotidiano prosaico. E na descoberta dessa grandeza que é a capacidade de formular mais perguntas que obtemos de respostas, percebemos que a grandeza da amplitude das virtudes e dos vícios moldada pela moral, reside na escolha de vivermos pela ética, num estádio que se ambiciona de graça e consciência ativa do que é o nosso papel no Mundo e no nosso tempo.

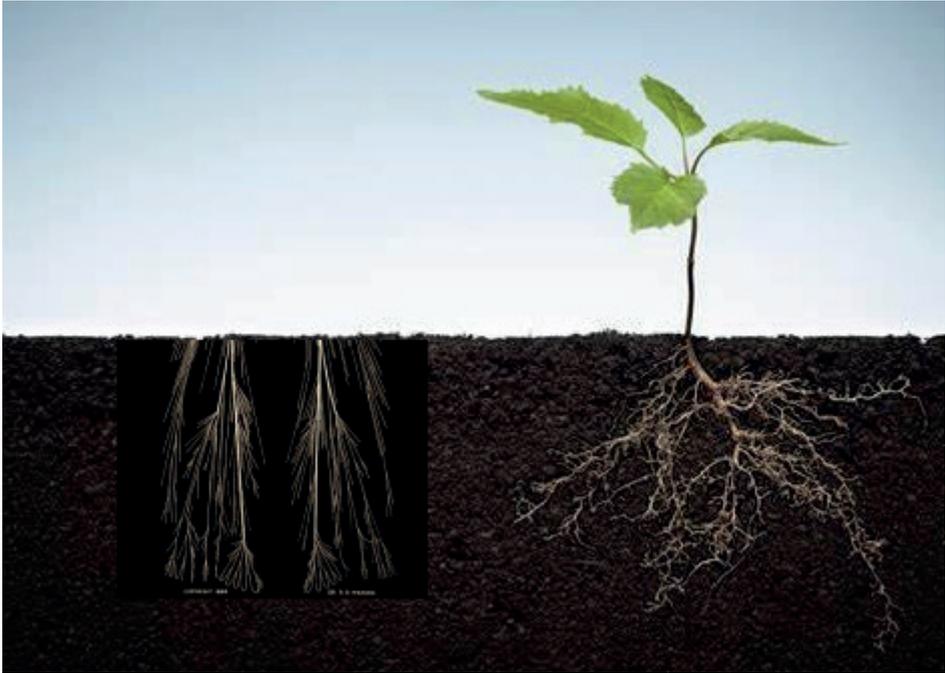
Eu creio em Deus; e entendo-me com a sua narrativa que até mim conduziu, na descoberta sucessiva da escrita universal, que apelida-

mos de Matemática, que transliterado do grego quer dizer 'inclinado a aprender'. Isto é, o Grande Criador sistematiza o seu Universo numa lógica dedutível – como se pudesse ser de outro modo – e permite, fomenta, instiga a aprender pela linguagem humana a linguagem universal. Tão singelo e tão evidente. A matemática, pura, discreta, aplicada, computacional, fractal, relatividade geral, propõe o entendimento dos desígnios com que o universo se move, avança, brilha, revelando o intrincado sistema de existência de uma vontade, para além de uma realidade plausível, palpável e visível. A Matemática, isto é, a inclinação para aprender, revela que há dimensões e dá-lhes existência em forma e substância, para além da nossa limitação dimensional. O Grande Arquiteto do Universo, assiste na sua onipotência ao solene desenrolar dos tempos e à narrativa preconizada na vontade. No princípio era o Verbo e o verbo foi a linguagem Matemática, para que a pudéssemos aprender e compreender. Matemática é raciocínio, entendimento, comunicação com Deus. Entender Matemática, isto aprender o universo, é orar. E tal como GADU trabalhou o seu universo, o trabalho é o nosso desígnio. Porque somos um universo singular em moléculas e forças que trabalham, continuamente.

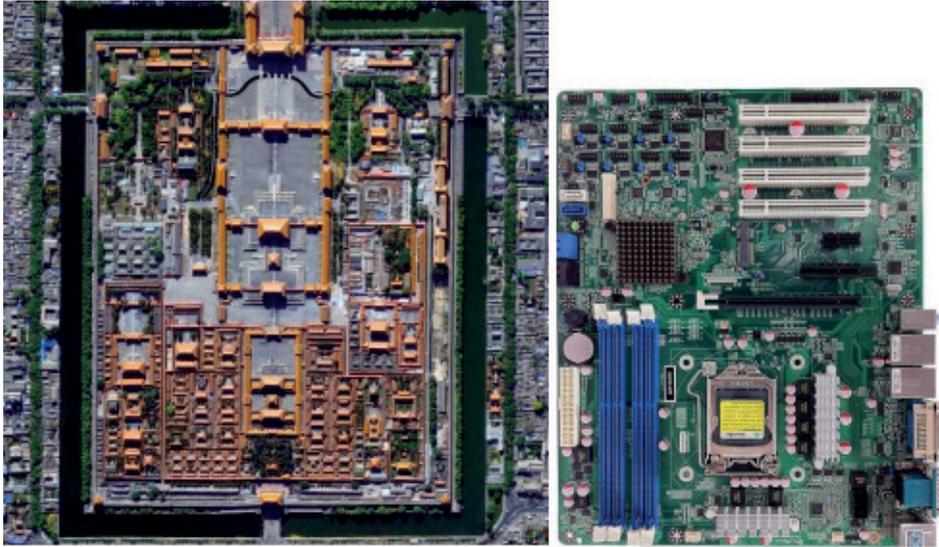
MÁRIO CHAVES



Início como posso esta viagem de imagens e ideias pela representação de dois grandes cronistas antigos, Jean Froissart (à esquerda) e Fernão Lopes (à direita). Lembrei-me de os lembrar aqui porque: ambos relatam um episódio fundamental da nossa história e os seus relatos divergem; porque a batalha que relatam, de Aljubarrota, é um alicerce da nossa história e, portanto, das nossas raízes; porque a busca das raízes donde crescemos é vital para nos guiarmos para onde formos; e porque esta busca, por vezes encontra respostas ambíguas, fora de nós – mas pode encontrar uma paz na sua expressão interior.



A busca daquilo que pode informar as nossas raízes vai até à “dissecação” das partes que nos compõem e que compõem o mundo em que vivemos. Serve esta simples imagem (nada extraordinária) também para nos mostrar similitudes entre nós e as coisas “mais pequenas” do que nós, e que podemos ver o mundo nas coisas mais pequenas. Facilmente reconhecemos uma planta e suas raízes, todavia o quadrado preto à sua esquerda não é tão esclarecedor: é parte do nosso sistema nervoso (central periférico), dissecado e exposto numa exposição de anatomia (cortei a figura para mostrar apenas a porção abaixo da cintura). Há estruturas dentro de nós – as biológicas mais complexas do planeta, para alguns – que nos permitem entender o mundo; um entendimento mediado pelos órgãos dos sentidos, conectados a um sistema neurológico. Mas será que nos resumimos a isto? A uma máquina tão avançada quanto frágil? Esta máquina consegue, mesmo assim, chegar a entendimentos que a elevam, conecta-se com a terra e com o céu, “percebe” de onde vem (dentro do seu limite) e, dos bilhões de réplicas que suas que foram aparecendo, uma percepção do divino surge recorrentemente, de uma ou de outra maneira



O sistema humano que inclui um seu sistema neurológico, manipula as coisas que pode, cria ferramentas, utensílios com propósitos bem definidos. Também organiza o espaço em que habita, desde uma “cabana primal” a uma cidade “moderna” que arranha os céus com a sua verticalidade. Nestas imagens temos a organização de um espaço sagrado, exclusivo e nobre para os chineses antigos, a Cidade Proibida em Pequim. À direita temos uma motherboard de um computador contemporâneo. Ambas organizam e orientam os seus habitantes, pessoas e impulsos elétricos, com semelhanças aparentemente formais que podem ir além disso. No mínimo podem suscitar a curiosidade sobre padrões que se repetem ao longo da nossa história criativa (ou co-criativa).



A organização do espaço obedece a leis, em que todos nos inscrevemos (tanto quanto sei, pelo menos). E os animais deste mundo também organizam espaço e constroem e fabricam obras suas, obedecendo às mesmas leis. A abelha obreira pode mostrar-nos a ordem que permite a vida florescer. E constrói em repetição aquilo a que a sua própria arquitetura interna a impele. Nasceram grelhas de tubos hexagonais, hexágonos inscritos no círculo. Segundo o que estudei, há biólogos que descrevem que as abelhas inicialmente constroem tubos cilíndricos (o círculo), e que devido às forças da água, do mel e das restantes tensões estruturais, encontram uma harmonia sob a forma hexagonal. Tal como a flor da vida se pode obter pela propagação do raio um círculo com um compasso, obtendo-se uma divisão em seis partes.



Aqui William Turner serve-se do estudo da teoria das cores de Goethe e da sua procura das origens da vida e do divino, para expressar uma síntese, uma composição humana de coisas que transcendem um nosso entendimento mais terreno. Turner compõe uma melodia com tons quentes, e precisa de os afirmar com o contraste de um azul, ou de algo que caminha para o azul. Temos a passagem de conhecimento, temos a procura de um significado maior e de como o expressar com mestria e temos uma composição harmónica (pelo menos, na minha perceção que é naturalmente insuficiente). Propus este exemplo como poderia ter proposto outros, sob outras formas, mas penso que estas referências podem ativar em nós, ou nutrir, ou orientar e ancorar no exemplo, o caminho da nossa procura.

JOÃO BARROSO



OS BLASÉS E OS FLANEURS



Flâneur - *'A multidão é o seu universo, como o ar é dos pássaros, como a água, o dos peixes. A sua paixão e profissão é desposar a multidão. Para o perfeito flâneur, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa, e contudo, sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais que a linguagem não pode definir senão toscamente.'*

Charles Baudelaire - 'O pintor do Mundo Moderno' 1863



Walter Benjamin descreveu o Flâneur como a figura essencial do espectador urbano moderno, um detetive amador e investigador da cidade, da urbanidade e da vida moderna. E os flâneurs conhecem o seu fim quando se cedem ao capitalismo, à alienação pela sociedade de consumo e ao total abandono da vida urbana que o criou.

Walter Benjamin

Georg Simmel em *The Metropolis and Mental Life* de 1903, enuncia que a estrutura psicológica do indivíduo urbano, assenta na intensificação da vida emocional, resultante do movimento rápido e contínuo de estímulos interiores e exteriores. A assimilação de impulsos fragmentados e irregulares da vida urbana tem um efeito marcante no perfil do indivíduo metropolitano moderno, cujos padrões de comportamento, intelectualizado e destituído de emoções no contexto da metrópole capitalista, coincidem com a própria sociedade consumista. Para Simmel, o indivíduo metropolitano tem 3 opções possíveis, ou se alheia totalmente e se torna um consumidor feroz, ou desenvolve uma forma abstrata e desinteressada de movimento que reflete a incorporação de um mecanismo de defesa para se proteger do excesso de estímulos mentais de vida urbana e a atitude blasé é a defesa contra essa situação [Blasé - Que ou quem demonstra apatia, indiferença ou tédio em relação aquilo que o rodeia. Característica de uma pessoa que per-

manece alheia ou distante de um assunto quando na verdade deveria mostrar atenção] Tornar-se blasé supõe uma incapacidade para reagir adequadamente aos impulsos mentais da sociedade tal como ela exige e perante o excesso de estímulos o indivíduo aprende a sobreviver num fenómeno de adaptação.

A terceira via, move-se entre o flâneur e o dandy [O cavalheiro perfeito, um homem que escolhe viver de um modo intenso, dando uma atenção plena ao esteticismo e à beleza dos pormenores. É um pensador, algo diletante, e é dissidente da vulgaridade e da banalidade]. Nessa atitude flexível, desenvolve estratégias de resistência à investida furiosa do mundo, exigente e desfruta da capacidade de entender distante, o desenrolar dos acontecimentos. A nossa vida, toda desenrolada na idade da ciência, da força, da indústria, da tecnologia, tem toda a narrativa em equipamentos high-tech e sistemas electrónicos e digitais sofisticados, que farão a transição entre a origem animal e o futuro mecânico e eléctrico de uma espécie que viverá só, mas com o infinito na palma da mão, o conhecimento, a informação, a novidade inconsequente. Há que ter uma reacção perante o mundo estetizado, anestesiado, esvaziado de conteúdo.

A anestésica do existencialismo na contemporaneidade; no fim de uma civilização uma nova começa. Somos todos pioneiros.

MÁRIO CHAVES



O tema do Flexiexistencialismo interessa.

Reporta à forma de estar que urge, à postura acrobática da inquietação, à doutrina do juízo abrangente (raiz da glória generalista sobre a tecnocrática). O Flexi consegue a torção plena, o alongamento dos valores e da ética, sem as dores do compromisso político ou da obediência canina. Útero da liberdade pura *"e pluribus unum"* do compromisso com os valores maiores que fizeram nascer nações e culturas, o Flexi não responde à espuma volátil do momento, avaliando o ganho maior, o salto evolucionar. Mas o Flexi não nasce, é. Brota da educação que convoca, provoca e desafia. Acontece na recusa do dogma e na elaboração de que a verdade é uma só, de que os valores humanos serão sempre a partícula existencialista que nos cabe compreender no contexto do universo infinito.

Numa sociedade que outrora elevou indivíduos ecléticos, pioneiros e singulares, destinados à erudição e ao oráculo da irreverência de entre a obscuridade, sucede agora a capitulação deste mesmo génio a favor da angariação das massas que sevem repasto ao lume da coisa mundana, instantânea, fácil. Não tardou pois, a apropriação igual às lideranças empresariais e políticas, aos que decidem e ao que nos cabe.

"Eu admiro aqueles que conseguem sorrir aos problemas, reunir forças na angústia e ganhar coragem na reflexão. É coisa das pequenas mentes encolher-se, mas aquele cujo coração é firme e cuja consciência aprova sua conduta, perseguirá seus princípios até à morte."

Thomas Paine

Político britânico, revolucionário, inventor, intelectual e um dos Pais Fundadores dos EUA.

GONÇALO SEABRA



flexibilitate; ad vitam; valorem

flexi - a capacidade de uma estrutura ou sistema, ajustar-se continuamente ao ambiente, na sua amplitude máxima e em ampla capacidade de ação e definição.

A flexibilidade ativa é a maior amplitude da capacidade de percepção e entendimento dos ambientes proporcionados e capazes de fornecer propósito e valia.

A flexibilidade passiva é a maior capacidade de reconhecimento das forças e uso pleno de sistemas externos, conduzindo ao reconhecimento da reserva de valores para uso pleno.

o existencialismo é humanismo, a plena consciência do homem no seu tempo, sem anacronismos, sem moralismos castrantes do reconhecimento da ética própria, em abertíssimo ser capaz de recolher toda a mais valia de todas as estruturas, sistemas e ambientes.

Um flexiexistencialista é um ente capaz de entender a possibilidade de ser um elemento capacitador das suas vontades e concatenador de valores dos grupos onde se insere e para os quais é um elemento contributivo, operativo e valoroso.

Ser flexiexistencialista é uma atitude de vida pessoal e profissional; saber reconhecer a mais valia de cada momento, no seu tempo e circunstância. Pode ser uma aptidão oportunista, como solidária, como contributiva.

A atitude flexiexistencialista é permeável ao entendimento e reconhecimento das valias contributivas de todos os contribuintes do sistema de corporização da sociedade, entendendo o passado, moldando o presente, legitimando o futuro.

O flexiexistencialista não é egocêntrico na tendência do excesso de preocupação consigo próprio em detrimento dos outros, baseado numa ilusão de ser o centro das atenções

Do Altruísmo, priorizar o bem-estar evolutivo dos outros através da eliminação do egoísmo na promoção da assistencialidade fraterna.

Do Profissionalismo, incorporar a tendência da manifestação consciencial da postura profissional da maturidade, seriedade, competência, responsabilidade e honestidade.

Do Anacronismo ter o reconhecimento da consciência de viver incoerentemente com a sua época, seja no retrospectivo por nostalgia seja no prospetivo por saudades do futuro. O presente é a coerência cronológica e apoia-se num sincronismo evolutivo.

Do Analogismo assumir a tendência do uso regular e continuado do raciocínio por analogias e comparações das semelhanças entre diferentes objetos e circunstâncias.

Do Animismo ser capaz de dar valor e resiliência ao conjunto de fenómenos produzidos pela própria consciência sem a interferência externa que conduz à dispersão e inconsequência.

Do Consciencialismo a proposição da valorização da consciência nas suas manifestações pensénicas através da priorização da pesquisa participativa e fundamentada da maturidade.

Ao Consumismo entender a incapacidade natural de escape ao consumo descontrolado sem discernimento de produtos, bens e serviços na avidez pela psicose o consumo.

Do Capitalismo, assumir que os princípios da propriedade privada, da livre concorrência e da criação de riqueza, conduzem à iniciativa individual e à ambição do progresso social.



Porquê *Flexi*?

Porque é *coisa que se expande, que se adapta, contaminando como um organismo vivo.*

Mas não será esse o mote de toda a coisa criada: expandir, adaptar, contaminar?

Ou antes – ou também, coisa criada pela contaminação?

Mas também aqui, toda a criação é resposta a uma qualquer contaminação – referência. Nesse sentido e para que se possa afirmar uma *coisa plenamente Flexi, pede-se que os seus agentes criadores sejam amplos e plurais: elementos singulares, aglutinadores, isentos de culpa, recolhidos do Todo Cultural – uma contaminação em larga escala.*

Porque se funda no que nos *ismos os aproxima, sem se fechar em si mesma.*

Uma nova consciência que não se feche no Humanismo – tão querido da sociedade ocidental – mas que procure no e para o Mundo uma outra conduta individual, menos material, menos extremista, menos artificial, mas mais filosófica, mais ponderada e ecuménica – *Mundanismo Espiritual.*

Mas que singularidades fundadoras?

Não será desprovido afirmar que toda e qualquer singularidade é portadora tanto de didatismo como de violência: se por um lado informa, por outro colide sempre com um qualquer elemento cultural, pelo que a consciência e prática dessa dualidade deve ser afirmada/assumida. Dos confrontos resultam verdades conciliadoras, hipóteses estruturantes singulares.

Uma singularidade que promova uma ética liberta dos constrangimentos do *politicamente correto* e do *positivismo científico* que, ao impor verdades hipotéticas como absolutas, ao preterir as massas ao indivíduo, anula a representatividade individual tornando as democracias democraturas.

Uma singularidade fundada na comunhão das diferenças e promotora da tolerância crítica.

- O Outro é reflexo de Si, não de Mim, logo diferente! A tolerância é esse momento singular capaz de suscitar o confronto, donde resulta a comunhão e a repulsa, valorizando o que nos aproxima sem desprezar o que nos afasta.